

## ESPORTES

correio braziliense.com.br/esportes - Subeditor: Marcos Paulo Lima E-mail: esportes.df@dabr.com.br Telefone: (61) 3214-1176

## Flamengo

O presidente do Flamengo, Rodolfo Landim, falou sobre a gestão do time carioca e destacou, principalmente, as finanças equilibradas do clube. Atualmente, a equipe não possui dívidas e visa investir na construção de um estádio próprio, mas o executivo pontuou ser "fácil" acabar com tudo isso. "Falamos de gestão de empresa e eu ouço: 'Do jeito que está estruturado, vai passar 10 anos com desempenho maravilhoso'. Eu digo para vocês: com três meses de má gestão dá para destruir o Flamengo. Com a minha caneta, dá para destruir o Flamengo", disse ao *ge*.

**FUTEBOL** Em entrevista ao *Correio*, psicólogo do esporte analisa episódios recorrentes de indisciplina nos elencos profissionais. Bomba-relógio da vez, John Kennedy, autor do gol do título do Fluminense na Libertadores, está desativado por tempo indeterminado

MARCOS PAULO LIMA

Renato Augusto tem 21 anos de carreira. Dez temporadas no exterior. Cinco na Alemanha, um dos países de ponta da Europa vestindo a camisa do Bayer Leverkusen; e outros cinco no mercado periférico da China pelo Beijing Guoan. O meia do Fluminense acumulou bagagem internacional, mas o futebol brasileiro sempre surpreende. Em tempos de profissionalismo extremo na indústria da bola, o craque está perplexo com os desvios de comportamento no elenco do atual campeão da Libertadores.

No fim do mês passado, John Kennedy, Alexsander, Kauã Elias e Arthur foram afastados do plantel por indisciplina. Eles teriam convidado mulheres para a concentração e organizado uma festa considerada "fora do tom" no hotel em que mora o técnico Fernando Diniz, no Rio. Funcionários ficaram incomodados e comunicaram ao Fluminense. O clube puniu o quarteto por dois jogos. Três estão reintegrados. John Kennedy é a exceção. O herói do inédito título continental em 2023 está afastado por tempo indeterminado por causa de outra infração: chegou ao treino com 1h20 de atraso.

O padrão Renato Augusto de qualidade não está acostumado a isso. "Faz tempo que a gente não vê coisas assim. É ruim para a imagem de todos, do clube, dos atletas. É uma situação delicada", comentou o jogador, perplexo ao saber das razões do castigo.

John Kennedy, Alexsander, Kauã Elias e Arthur não são as únicas bombas-relógio. Há campos minados em outros clubes tradicionais do país. No fim do ano passado, o então técnico do Santos, Marcelo Fernandes, havia liberado o elenco para almoçar fora do CT Rei Pelé antes de uma viagem. Marcos Leonardo e Jean Lucas voltaram ao local 20 minutos atrasados e alterados. O atacante teria gritado com os companheiros e reclamado de ter ido para a reserva.

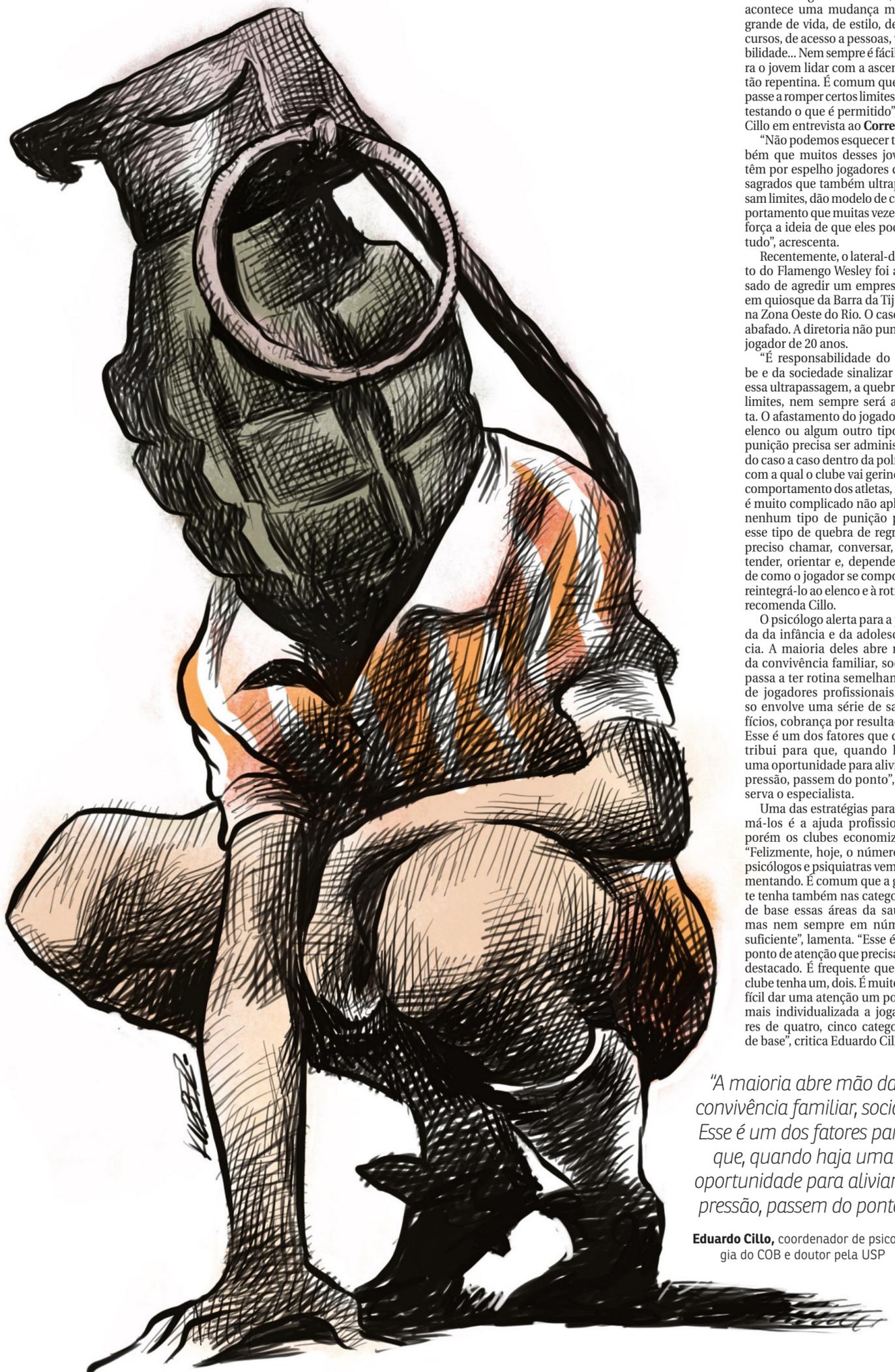
Em abril, Renato Gaúcho apagou fogo de incêndio no Grêmio. Não citou nomes e jogou a carapuça. "A gente mostra o melhor caminho, aconselha, mas é responsabilidade de cada um. Não posso terminar o jogo e três dias depois concentrar todo mundo. Conversei com o grupo sobre esse tema. Eles precisam se cuidar mais. Ou se cuidam, ou dois dias antes de cada jogo vai ter concentração. É o que posso fazer, não posso colocar um segurança atrás de cada jogador. Ou ele é responsável ou vai ficar para trás. Mais eu não posso fazer", avisou o ex-atacante, com a experiência de quem ficou fora da Copa de 1986 por indisciplina. Chegou atrasado da folga na concentração da Seleção, pulou o muro e foi cortado por Telê Santana.

Na pandemia, o técnico Abel Ferreira puniu o volante Patrik de Paula por participar de festa em tempos de distanciamento social. No ano passado, Dorival Júnior colocou o goleiro Felipe Alves para trabalhar separado no São Paulo devido a um combo de

*"Fomos pegos de surpresa. Faz tempo que a gente não vê coisas assim. É ruim para a imagem de todos, do clube, dos atletas. É uma situação delicada"*

**Renato Augusto**, meia do Flu, sobre os casos de indisciplina

# Perigo: jogador EXPLOSIVO



más condutas. O atacante Deyverson está encostado no Cuibá. A juventude dos rebeldes em alguns episódios impressiona. Contemporâneos, John Kennedy e Marcos Leonardo têm 21 anos. Kauã Elias fez 18 em março.

## Divã

Coordenador de psicologia do Comitê Olímpico do Brasil (COB) e doutor em psicologia pela Universidade de São Paulo (USP), Eduardo Cillo avalia os desvios de comportamento. "É importante ressaltar no caso dos jogadores jovens de futebol, principalmente os que têm oportunidade em grandes clubes, que acontece uma mudança muito grande de vida, de estilo, de recursos, de acesso a pessoas, visibilidade... Nem sempre é fácil para o jovem lidar com a ascensão tão repentina. É comum que ele passe a romper certos limites e vá testando o que é permitido", diz Cillo em entrevista ao *Correio*.

"Não podemos esquecer também que muitos desses jovens têm por espelho jogadores consagrados que também ultrapassam limites, dão modelo de comportamento que muitas vezes reforça a ideia de que eles podem tudo", acrescenta.

Recentemente, o lateral-direito do Flamengo Wesley foi acusado de agredir um empresário em quiosque da Barra da Tijuca, na Zona Oeste do Rio. O caso foi abafado. A diretoria não puniu o jogador de 20 anos.

"É responsabilidade do clube e da sociedade sinalizar que essa ultrapassagem, a quebra de limites, nem sempre será aceita. O afastamento do jogador do elenco ou algum outro tipo de punição precisa ser administrado caso a caso dentro da política com a qual o clube vai gerindo o comportamento dos atletas, mas é muito complicado não aplicar nenhum tipo de punição para esse tipo de quebra de regra. É preciso chamar, conversar, entender, orientar e, dependendo de como o jogador se comporta, reintegrá-lo ao elenco e à rotina", recomenda Cillo.

O psicólogo alerta para a perda da infância e da adolescência. A maioria deles abre mão da convivência familiar, social, passa a ter rotina semelhante à de jogadores profissionais. Isso envolve uma série de sacrifícios, cobrança por resultados. Esse é um dos fatores que contribui para que, quando haja uma oportunidade para aliviar a pressão, passem do ponto", observa o especialista.

Uma das estratégias para domá-los é a ajuda profissional, porém os clubes economizam. "Felizmente, hoje, o número de psicólogos e psiquiatras vem aumentando. É comum que a gente tenha também nas categorias de base essas áreas da saúde, mas nem sempre em número suficiente", lamenta. "Esse é um ponto de atenção que precisa ser destacado. É frequente que um clube tenha um, dois. É muito difícil dar uma atenção um pouco mais individualizada a jogadores de quatro, cinco categorias de base", critica Eduardo Cillo.

*"A maioria abre mão da convivência familiar, social. Esse é um dos fatores para que, quando haja uma oportunidade para aliviar a pressão, passem do ponto"*

**Eduardo Cillo**, coordenador de psicologia do COB e doutor pela USP